

*Conto dos Irmãos Grimm*  
**A Serpente Branca**  
*Ilustrações de Joel Lobo*





*Conto dos Irmãos Grimm*

# *A Serpente Branca*

*Ilustrações de Joel Lobo*



**Cidade de  
São José dos Campos**  
Prefeitura Municipal

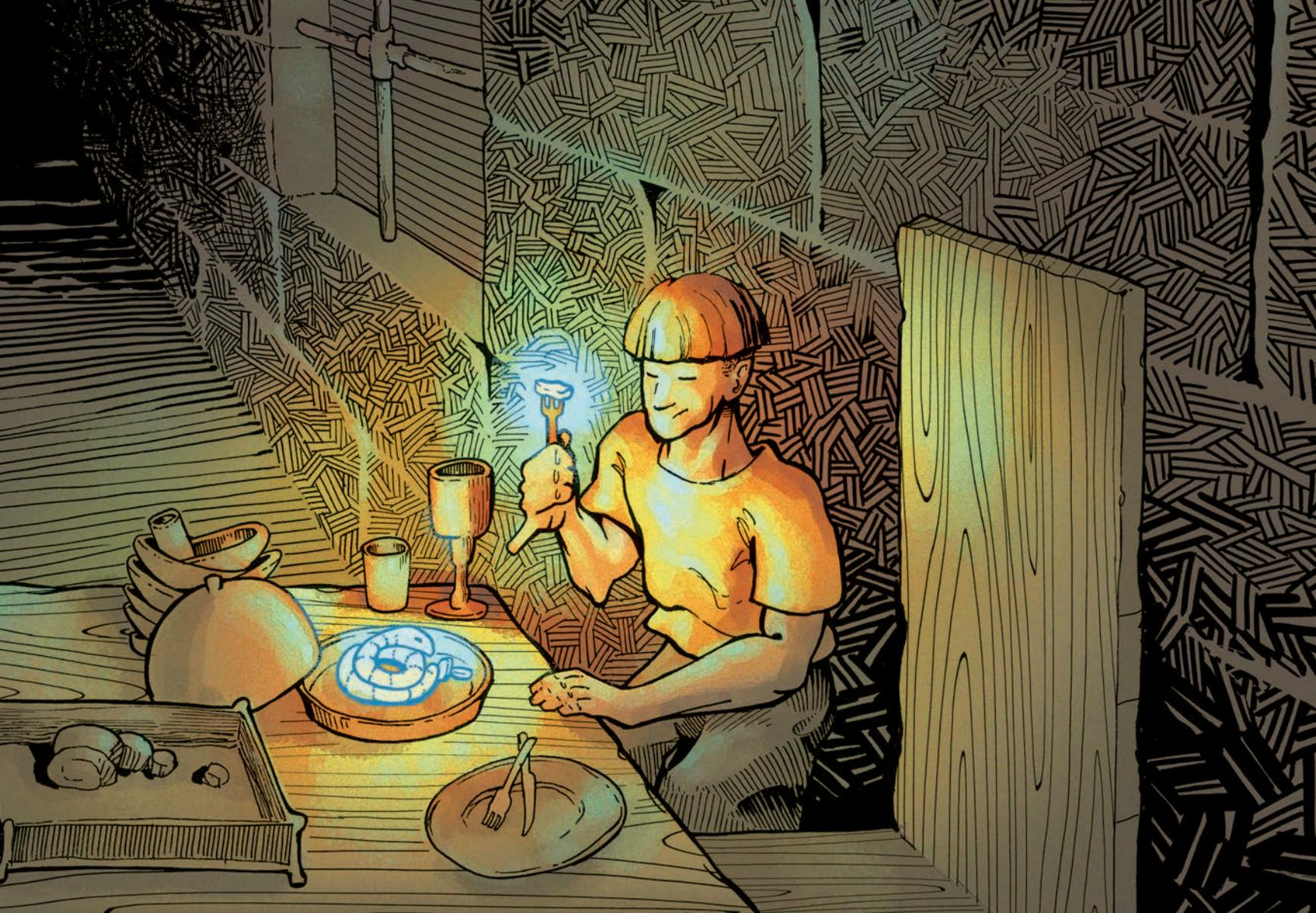
**H**á muito tempo, vivia um rei que era conhecido por todo o país graças à sua sabedoria. Nada lhe passava despercebido; às vezes parecia que as notícias sobre os fatos mais secretos lhe chegavam pelo ar. Mas o Rei tinha um hábito estranho: todos os dias, após o jantar, quando a mesa estava vazia e ninguém mais, na sala de jantar, um servo leal lhe trazia mais um prato. Mas este estava tampado, e nem o servo nem ninguém mais sabia o que havia nele, pois o Rei nunca o destampava até que estivesse completamente sozinho.

E assim foi por um longo tempo, até que um dia o servo, que tirava os pratos, foi tomado de tal curiosidade que não pôde evitar levar aquele prato para o seu quarto. Depois de ter trancado cuidadosamente a porta, ele levantou a tampa e viu uma serpente branca. Assim que



a viu, não pôde negar a si mesmo o prazer de prová-la. Cortou um pequeno pedaço e colocou-o na boca. Tão logo a pequena iguaria tocou seus lábios, ele começou a ouvir um estranho sussurro formado por vozes bem baixas, vindas do lado de fora da janela. Foi até lá e ouviu, e logo percebeu que eram os pardais conversando entre si e comentando sobre tudo o que tinham visto nos campos e bosques. Comer a cobra lhe dera o poder de entender a linguagem dos animais.

Mas isto aconteceu no exato dia em que a Rainha perdera seu mais belo anel e a suspeita de roubo recaiu sobre este leal servo, pois só ele tinha permissão de ir a qualquer lugar do palácio. O Rei ordenou que o homem fosse trazido à sua presença e ameaçou-o com rispidez, dizendo que, a menos que o jovem pudesse indicar-lhe



o ladrão antes do amanhecer, seria ele mesmo considerado culpado e executado.

Em vão o servo se declarou inocente; foi dispensado sem nenhuma palavra mais animadora. Em sua aflição e medo, desceu para o pátio e começou a pensar em como se salvar dessa desgraça. Bem ali perto, alguns patos estavam reunidos, calmamente sentados, descansando à beira de um regato. Enquanto alisavam suas penas com os bicos, mantinham uma conversa reservada. O jovem servo parou e ficou escutando. Eles contavam sobre todos os locais por onde estiveram passeando naquela manhã e sobre a ótima comida que encontraram, até que uma das patas falou em um tom angustiado:

– Alguma coisa está pesando em meu estômago... Eu comi com pressa e acabei engolindo um anel que estava caído logo abaixo da janela da Rainha.



Sem perder tempo, o jovem servo agarrou-a pelo pescoço, carregou-a para a cozinha e disse ao cozinheiro:

– Aqui está uma ótima pata; suplico-lhe que a mate.

– Sim – disse o cozinheiro, pesando-a com as mãos. E arrematou: – Ela não poupou esforços para ficar bem gorda e já esperou muito para ser assada.

Então cortou-lhe o pescoço e, enquanto estava limpando sua barriga para colocá-la no espeto, encontrou o anel da Rainha dentro de suas vísceras.

O servo podia, agora, provar facilmente sua inocência. E o Rei, para compensá-lo pelo seu erro, permitiu que o jovem lhe pedisse um favor, prometendo a ele o melhor lugar na corte que pudesse desejar.

O servo recusou tudo, pedindo apenas um cavalo e algum dinheiro para viajar, pois ele tinha em mente ver



o mundo e vagar um pouco por aí. Logo que seu pedido foi concedido, colocou-se a caminho. Um dia, chegou a um pequeno lago, onde viu três peixes presos nos juncos e sufocando fora da água. Mesmo que tivesse ouvido que os peixes são estúpidos, ele escutou-os lamentando-se por precisarem morrer de forma tão miserável. Como o servo tinha um coração generoso, ele desceu de seu cavalo e colocou os três prisioneiros de volta no lago. Os peixes estremeeceram de prazer, colocaram as cabeças para fora d'água e disseram ao servo:

– Iremos lembrar de você e retribuir-lhe por nos ter salvo!

O jovem voltou a montar e, depois de um tempo, parecia-lhe ouvir uma voz vindo da areia sob seus pés. Ele prestou atenção e ouviu os gritos de uma formiga-rei:



– Por que as pessoas não podem, com suas bestas deselegantes, manterem-se longe de nossos corpos? Este cavalo estúpido, com seus cascos pesados, vem pisoteando meu povo sem misericórdia!

Sem demora, ele foi para um caminho ao lado e a formiga-rei gritou para ele:

– Iremos lembrar de você! Um favor merece outro!

Esse novo caminho levou-o para dentro do bosque, onde ele viu dois velhos corvos, parados ao lado do seu ninho, expulsando os corvos mais novos.

– Fora, suas criaturas preguiçosas e inúteis! - gritaram eles. Não podemos mais encontrar comida para vocês! Estão grandes o suficiente e podem alimentar a si mesmas.



Mas os pobres corvos jovens ficaram no solo, batendo suas asas e gritando:

– Oh, mas que filhotinhos indefesos nós ainda somos! Precisamos nos locomover sozinhos e nem conseguimos voar! O que podemos fazer, a não ser deitar aqui e morrer de fome?

Foi quando o bom jovem desmontou e matou seu cavalo com a espada e deu-o aos corvos para se alimentarem. Logo eles foram saltitando até lá, prontos para matar a fome, e gritaram:

– Iremos lembrar de você! Um favor merece outro!

Agora ele tinha que usar suas próprias pernas e, depois de já ter percorrido uma longa distância, chegou a uma grande cidade. Lá havia um barulho ensurdecedor. Uma multidão vagava pelas ruas e um homem, montado sobre o seu cavalo, gritava:



– A filha do Rei precisa de um marido; mas quem vier a se candidatar à sua mão deverá executar uma difícil tarefa, e se não for bem-sucedido, irá perder sua vida.

Muitos haviam feito sua tentativa, mas em vão. No entanto, quando o jovem viu a filha do Rei, ficou tão impressionado por sua grande beleza, que se esqueceu completamente de todo o perigo, apresentando-se diante do Rei e declarando-se como um pretendente à mão da Princesa.

Para cumprir seu desafio, ele foi levado ao mar e um anel de ouro foi jogado dentro da água, à sua vista. Em seguida, o Rei ordenou-lhe que buscasse o anel no fundo do mar e acrescentou:

– Se você subir sem ele, será jogado lá de novo, e de novo, até que pereça entre as ondas.



Todos os presentes ficaram penalizados pelo destino do belo jovem; mas logo se foram, deixando-o sozinho junto ao mar. Ele ficou na praia, pensando no que deveria fazer, quando, de repente, viu três peixes nadando em sua direção, e eram os mesmos cujas vidas ele havia salvado. O peixe do meio trazia um mexilhão na boca, que foi deixado sobre a praia aos pés do jovem. Quando ele o pegou e abriu o molusco, lá estava o anel de ouro dentro da concha.

Cheio de alegria, o jovem levou o anel ao Rei, esperando que ele lhe concedesse o prêmio prometido. Mas, quando a orgulhosa princesa percebeu que ele não era de ascendência nobre, ela o tratou com desdém e ordenou-lhe que executasse uma nova tarefa. Ela mesma



desceu ao jardim e espalhou com as próprias mãos dez sacas cheias de sementes de milho; e então falou:

– Amanhã pela manhã, antes do nascer do sol, elas devem ter sido recolhidas e nem um único grão deve ser esquecido!

O jovem sentou no jardim e ficou pensando como seria possível levar a cabo essa tarefa, mas não conseguia chegar a nenhuma conclusão, e ficou lá sentado, triste, esperando o nascer do dia, quando seria levado para a morte.

Mas logo que os primeiros raios do sol surgiram no jardim, ele viu que todas as dez sacas estavam enfileiradas, lado a lado, totalmente cheias, e nem um único grão de milho faltava. A formiga-rei veio durante a noite, acompanhada de milhares e milhares de formigas que,



agradecidas, recolheram com grande esforço todas as sementes de milho e armazenaram-nas nas sacas.

Pouco depois, a própria filha do Rei desceu ao jardim e ficou surpresa ao ver que o jovem tinha cumprido a tarefa que ela havia lhe designado. Mas, ainda assim, ela só deu ouvidos ao seu coração orgulhoso e disse:

– Mesmo que tenha cumprido ambas as tarefas, ele não pode ser o meu marido até que me traga um fruto da Árvore da Vida.

O jovem não sabia onde ficava a Árvore da Vida, mas ainda assim começou a jornada, e andaria tanto quanto suas pernas aguentassem carregá-lo, apesar de não ter a menor esperança de encontrar a misteriosa árvore.

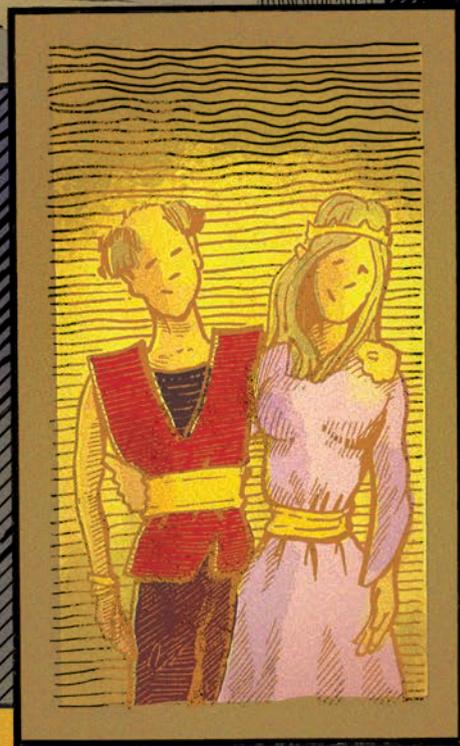
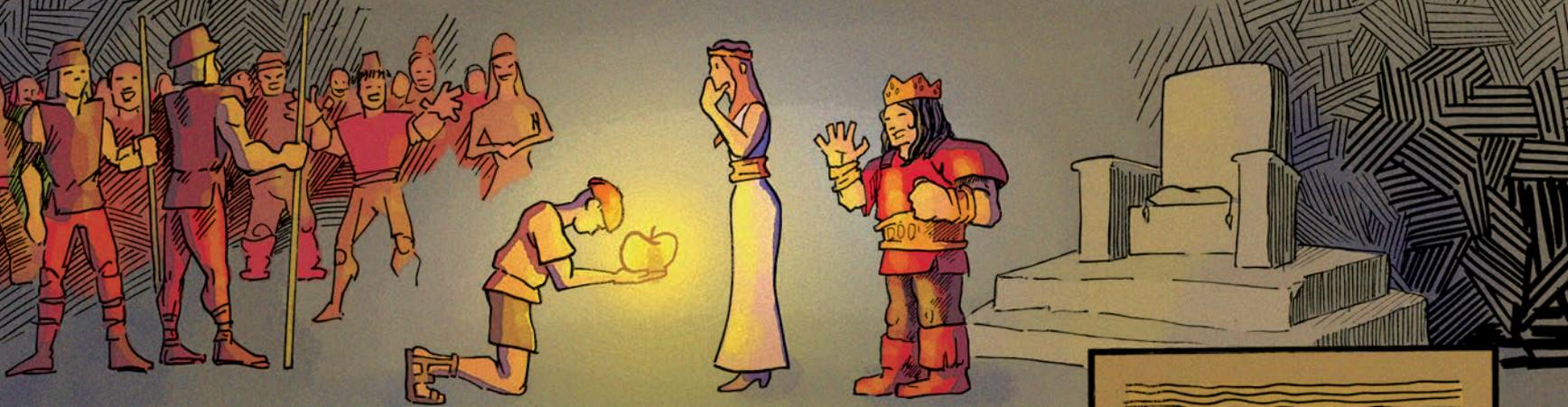
Depois de perambular por três reinos, uma noite ele chegou a um bosque e deitou-se embaixo de uma árvore



para dormir. Mas ouviu um sussurro vindo dos galhos, e uma fruta dourada caiu bem em suas mãos. Ao mesmo tempo, três jovens corvos voaram até ele, empoleirando-se sobre seu joelho e disseram:

– Nós somos os três corvos que você salvou de morrer de fome. Quando ficamos maiores e ouvimos que você estava procurando o fruto da Árvore da Vida – a Maçã Dourada –, viajamos sobre o mar até chegar ao final do mundo, onde ela fica, e o trouxemos para você.

O jovem, cheio de alegria, voltou para casa e entregou a Maçã Dourada para a bela filha do Rei, que não teve mais desculpas para lhe dar. Eles cortaram a Fruta da Vida em duas partes e comeram-na juntos. Então, o coração dela ficou cheio de amor por ele, e ambos viveram uma alegria serena até ficarem bem velhinhos.







**Ficha Técnica**

*A serpente branca*

Texto de Os irmãos Grimm

Ilustrações de Joel Lobo

ISBN: 978-85-61192-18-1

Coordenação editorial de Alberto V. Queiroz

Editoração – Magno Studio

Prefeitura Municipal de São José dos Campos – SP, 3ª edição – 2011

Este livro faz parte do Programa Gosto de Ler,  
da Secretaria Municipal de Educação de São José dos Campos

Secretaria Municipal de Educação

Rua Felício Savastano, 240 – Vila Industrial – São José dos Campos – SP – 12220-270

Fone: (12) 3901-2000 – E-mail: 156@sjc.sp.gov.br

Todos os direitos reservados à Prefeitura Municipal de São José dos Campos – SP.

É vedada a reprodução total ou parcial da presente obra sem autorização expressa da detentora dos direitos.





**Cidade de  
São José dos Campos**  
Prefeitura Municipal

